

SOBRE A PRÁTICA TRADUTÓRIA DE ROMANCES NO SÉCULO XIX: O EXEMPLO DE UMA VERSÃO PORTUGUESA DE *LES INTRIGANTS* DE PAUL DE KOCK



Alessandra Pantoja Paes¹
(Mestranda do Curso de Pós-
Graduação em Letras da UFPA/ bolsista CAPES)
alessandraverbum@yahoo.com.br

Resumo: Ao longo do tempo, a prática tradutória vem sendo discutida por intelectuais e teóricos do traduzir que, de maneira geral, propõem uma ética tradutória e tentam estabelecer modos adequados de proceder à modificação de um texto escrito em uma língua para outra. Em meio às várias propostas teóricas que indicam um modo de conduzir a prática, destacam-se teóricos tradutores explicitamente preocupados com fidelidade e ética. Contudo, é sabido que teoria e prática da tradução estão estritamente vinculadas a um contexto histórico-cultural. Tendo isso em vista, o presente trabalho objetiva investigar o que significava essa prática no contexto do século XIX; como alguns intelectuais da época a pensavam, bem como realizar breve análise de uma tradução portuguesa do romance *Les intrigants*, de autoria de Paul de Kock, considerado um dos romancistas franceses mais populares no século XIX.

29

Palavras-chave: Paul de Kock, romance, século XIX, tradução.

Abstract: *The practice of translation has been discussed over the years by intellectuals and theorists in the field who, in general, propose ethical translation and attempt to establish appropriate ways to proceed in translating a text from one language into another. Among the theoretical proposals that stand out in conducting the practice of translation, are those put forth by theoretical translators that are concerned about fidelity and ethics. However, translation theory and practice are closely linked to historical and cultural contexts. This article investigates what the practice of translation meant in the nineteenth century context: discussing how intellectuals at that time thought about it and analyzing a Portuguese translation of the novel “Les intrigants”, by Paul de Kock, one of the most popular French novelists in the nineteenth century.*

Keywords: *Paul de Kock, novel, the nineteenth century, translation.*

INTRODUÇÃO

Segundo assinala Germana Sales, “não resta dúvida que o século XIX foi o tempo do romance” (SALES, s.d., p. 1). Os estudos em torno da história do livro e da leitura já demonstraram que ao longo do Oitocentos, o novo gênero ocupou espaço nas prateleiras dos livreiros, nas estantes de bibliotecas e nos prelos das tipografias, constituindo-se, desta forma, como o gênero preferido do público leitor da época.

Durante toda sua trajetória até o momento de sua consagração, muitos foram os caminhos percorridos pelo romance em todo o mundo. E no processo de disseminação do

PAES. Sobre a prática tradutória de romances no século XIX: o exemplo de uma versão portuguesa de *Les intrigants*, de Paul de Kock
Belas Infieis, v. 1, n. 1, p. 29-41, 2012.

gênero, fez-se essencial o papel exercido pela prática da tradução. No Brasil, como ressalta Antonio Candido, as traduções da prosa de ficção não só contribuíram para popularizar o romance, como também para estimular o interesse dos escritores brasileiros pelo novo gênero, ainda novidade por aqui (CANDIDO, 1997, p. 108). Contudo, vale ressaltar que se atualmente inúmeras discussões são levantadas em torno dos problemas que a tradução encerra, como questões de fidelidade, ética e outras reflexões em torno dessa prática, nem sempre foi assim, uma vez que, como assinala o teórico Antoine Berman, “em cada época ou em cada espaço histórico considerado, a prática da tradução articula-se à da literatura, das línguas, dos diversos intercâmbios culturais e linguísticos” (BERMAN, 1984, p. 13). Tendo isso em vista e entendendo que toda prática tradutória não pode ser compreendida fora do contexto histórico e sociocultural no qual se insere, o presente artigo busca investigar o que significava essa prática no contexto do século XIX; como alguns intelectuais da época a pensavam, bem como realizar uma análise de uma tradução portuguesa do romance *Les intriguants*, de autoria do romancista francês Paul de Kock.

30

SOBRE A PRÁTICA TRADUTÓRIA DE ROMANCES NO OITOCENTOS

No que se refere ao papel do tradutor no século XIX, Márcia Abreu assinala que “seu ofício não se resumia, de forma alguma, à passagem de um texto de uma língua a outra e se desenvolvia numa zona incerta no interior da criação” (ABREU, 2008, p. 18). Observa-se que nesse contexto o papel do tradutor não era visto como o de humilde mediador, condicionado ao texto original. Seu trabalho consistia em algo amplo, poderíamos dizer até que o de criação de outro original, visto que “no contexto do século XIX, a tradução é com frequência bastante aproximativa e os textos originais funcionam mais como fonte de inspiração para um segundo texto do que como obra fielmente transcrita” (Heineberg, *apud* ABREU, 2008, p. 504). Assim, verifica-se haver uma confusão entre tradução e criação no processo tradutório da prosa de ficção oitocentista. Traduzir ali, não se limitava a transformar o texto de uma língua para outra, mas intervir, modificar, adaptar o original.²

Sandra Vasconcelos, ao estudar a circulação da prosa de ficção inglesa no Brasil oitocentista, no que tange às narrativas traduzidas, observa que

[d]esde seu território de origem, esses romances foram sofrendo intervenções pelos seus tradutores. sem as restrições impostas pela noção de autoria e direitos autorais, o trabalho do tradutor poderia ser melhor descrito como uma tradução cultural, em que certos traços vistos como pouco aceitáveis pelo público- alvo – tanto no plano da linguagem como dos episódios propriamente ditos – podiam ser livremente alterados ou mutilados para adaptar o romance ao gosto e à cultura do país receptor.

PAES. Sobre a prática tradutória de romances no século XIX: o exemplo de uma versão portuguesa de *Les intriguants*, de Paul de Kock
Belas Infieis, v. 1, n. 1, p. 29-41, 2012.

As traduções não tinham qualquer obrigação de fidelidade (VASCONCELOS, 2002, p. 9-10).

Segundo Vasconcelos, as traduções oitocentistas não tinham qualquer obrigação de fidelidade com o texto original, mas buscavam ser fiéis a um outro sujeito envolvido no processo de circulação do livro, os leitores.³ Nesse contexto, em que romances estrangeiros são consumidos avidamente, procurava-se seduzir e agradar aqueles para quem as obras eram destinadas. Nesse sentido, os tradutores sentiam-se livres para cortar episódios que julgassem inadequados, suprimir descrições e comentários da parte do narrador de forma a dar um desenvolvimento mais ágil e acelerado à ação narrativa central, acrescentar detalhes que tornariam a leitura mais atrativa. Nesse contexto, o tradutor D. Felix Moreno de Monroy se sentiu livre para realizar as adaptações que julgou conveniente em *Pamela ou a virtude recompensada* (1740) do escritor inglês Samuel Richardson, ao transpô-la para o português em 1799.

Eis-aqui o objecto desta traducção; mas porque era necessario fugir d'algumas frases, que, sendo proprias em outro idioma, serião assaz bem estranhas na linguagem portugueza, julguei conveniente reformallas sem faltar ao essencial do fundo da historia; isto he, pintar hum amo poderoso, e perseguidor da virtude de sua Criada, e huma Criada conservando-se firme em guardar, e defender a sua honestidade, até conseguir formar do seu mesmo Amo hum virtuoso, e bom marido. Que isto se diga, ou não, com as mesmas expresoens do Author, e ainda com os mesmos epizodios, importa pouco para a moralidade, que se pretende tirar, e que he commum a todos os paizes do Universo (RICHARSON, 1799, p. 7-8).

31

Observa-se que, diferentemente do que pensa Antoine Berman, segundo o qual a boa tradução é aquela capaz de abrir “no nível da escrita uma certa relação com o outro” e que fecunda “o Próprio pela mediação do Estrangeiro” (BERMAN, 1984, p. 16), o tradutor de *Pamela ou a virtude recompensada* (1740) abdica da tarefa de “forçar sua língua a se lastrear de estranheza”, não criando uma relação, um diálogo com o texto original. O essencial para Monroy não reside na tradução da forma, pois não se mostra preocupado com a informação estética, sua fidelidade é para com a mensagem a ser transmitida, com o conteúdo do texto. Desse modo, o que o tradutor português entende por tradução contrapõe-se ao pensamento de Walter Benjamin, segundo o qual a má tradução se caracterizaria justamente por ser “a transmissão inexata de um conteúdo inessencial” (BENJAMIM, 2008, p. 66). Ou seja, para Benjamin, a tradução que só visa a comunicar não transmite o essencial. Todavia, não se pode fugir do momento de produção no qual a tradução de *Pamela ou a virtude recompensada*, e de outros romances oitocentistas estão inseridos.

PAES. Sobre a prática tradutória de romances no século XIX: o exemplo de uma versão portuguesa de *Les intrigants*, de Paul de Kock *Belas Infieis*, v. 1, n. 1, p. 29-41, 2012.

Convém assinalar que a febre pela leitura em fins do século XVIII⁴ provocou uma expansão do mercado livreiro e editorial, tendo em vista atender as exigências de um público leitor heterogêneo e anônimo. Nesse contexto, agradar ao mercado consumidor, fazer com que cada vez mais o livro, sobretudo, o romance, passasse a ser um objeto a ser comercializado, tornando-se, desta forma, um produto lucrativo era o grande objetivo de livreiros e editores da época. Como assinala Sandra Vasconcelos: “[s]empre de olho no mercado consumidor, os livreiros já haviam percebido o grande potencial de lucro proporcionado pela venda e aluguel de romances, que, tratados como uma mercadoria qualquer, tinham que agradar o público e conquistar novos mercados” (VASCONCELOS, 2005, p. 21). No período exposto pela autora, meados do século XIX, a obra de arte passa a ser vista como uma mercadoria qualquer como um produto a ser vendido e gerador de lucros.

Pode-se compreender, então, que grande parte das alterações realizadas nos romances traduzidos durante o século XIX estava condicionada às exigências do mercado. Por essa razão, atender a demanda do público leitor conforme assinala Vasconcelos, “tinha precedência sobre a fidelidade e respeito ao original” (VASCONCELOS, 2005, p. 21).

32

A ideia de uma não fidelidade ao texto original surge também no discurso de alguns intelectuais da época que, segundo Vivina Almeida Carreira, “consideravam que era legítimo alterar os textos originais de forma tal que poderiam enfeitar e decorá-los, para compensar a falta de imaginação do autor original e, acima de tudo, corrigir as inconsistências” (PAIS, *apud* CARRERA, 2010, p. 5). Para António Feliciano de Castilho, por exemplo, escritor, poeta e tradutor de nacionalidade portuguesa, os textos deveriam ser traduzidos levando-se em conta as necessidades e características da cultura do leitor do texto traduzido. Segundo assinala Fidelino Figueiredo,

Castilho exerceu uma grande atividade de tradutor ou adaptador. Anacreonte, Virgílio, Ovídio, Goethe e Molière foram por êle vertido ao português. A tradução dos clássicos antigos é menos infiel, porque foi feita sobre os textos, que muito bem dominava, e porque não teve então em vista “nacionalizar” as obras. A de Fausto, de Goethe feita sobre uma tradução em prosa que lhe proporcionaram, visto que ignorava o alemão e confessava não entender muito bem a transcendente simbologia do drama, era tão livre e afastava-se por vezes tanto da essência do espírito de Goethe que provocou uma polémica em 1872 [...] (FIGUEIREDO, 1996, p. 347).

Ao se ponderar sobre o posicionamento de Figueiredo, para quem Castilho melhor se enquadrava como adaptador e não propriamente tradutor, este praticava a tradução etnocêntrica, uma vez que visava “nacionalizar” as obras. Prática mal vista por Bermam, que a considera como má tradução, tendo em vista que para esse teórico, “a essência da tradução é

PAES. Sobre a prática tradutória de romances no século XIX: o exemplo de uma versão portuguesa de *Les intriguants*, de Paul de Kock *Belas Infieis*, v. 1, n. 1, p. 29-41, 2012.

ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ela é relação, ou não é nada” (BERMAN, 1984, p. 17). Não obstante, vale ressaltar que, se para Castilho a tradução era encarada com grande liberdade, como algo que deveria ser domesticado à cultura de chegada, conceitos opostos também se apresentavam.

Antero de Quental, por exemplo, referindo-se à poesia lírica, acreditava que era quase impossível a tradução de qualquer obra de arte, pelo fato de ser tão única e singular (CARRERA, 2010, p. 6). A singularidade a que se refere Antero de Quental possivelmente reside na linguagem poética, na forma peculiar apresentada pelo poema, que é em si a própria essência do poético, e o que torna a obra intraduzível. Por isso, “[n]a tradução de um poema, o essencial não é a reconstituição da mensagem, mas a reconstituição do sistema de signos em que está incorporada esta mensagem, da *informação estética*,⁵ não da informação meramente semântica” (CAMPOS, 1975, p. 100). Assim, o que Antero de Quental quis assinalar, ao pontuar que é quase impossível a tradução de uma obra de arte, refere-se à tarefa árdua de recriação do poético na língua do tradutor, o rearranjo dos signos e a tradução da forma; não simplesmente a mera transmissão de conteúdo. Depreende-se, então, que, durante o século XIX, assim como nos dias atuais, circulavam conceitos opostos no que se refere à prática da tradução. Para alguns, como Castilho, o texto traduzido deveria ser fiel à cultura do país de chegada, outros defendiam a intraduzibilidade da obra de arte. Entretanto, como foi possível verificar, em algumas pesquisas, como as de Sandra Vasconcelos e Ilana Heineberg, quando se referia à prosa de ficção, a tradução era, muitas vezes, compreendida como um processo criativo. Assim, para observarmos a praticabilidade das discussões apresentadas, cabe a análise de uma tradução portuguesa do último romance do escritor oitocentista Charles Paul de Kock, mais conhecido em terras brasileiras e portuguesas como Paulo de Kock.

33

UMA VERSÃO PORTUGUESA DE *LES INTRIGANTS*

Paul de Kock nasceu em 1793 e faleceu em 1871, tendo, durante sua vida, publicado dramas, *vaudevilles*, óperas cômicas e uma quantidade significativa de romances que fizeram dele um dos romancistas franceses mais populares no século XIX, inclusive em Portugal e no Brasil. Embora amplamente difundido em sua época por intermédio, sobretudo, das traduções de seus dramáticos e cômicos romances, atualmente engloba um grupo de autores, de certa maneira, esquecidos pela posteridade, ou pelo menos considerados como escritores de segunda categoria pelas instâncias legitimadoras da produção literária. No entanto, se consultarmos os catálogos de livrarias e bibliotecas brasileiras do século XIX, perceberemos

PAES. Sobre a prática tradutória de romances no século XIX: o exemplo de uma versão portuguesa de *Les intrigants*, de Paul de Kock *Belas Infieis*, v. 1, n. 1, p. 29-41, 2012.

que o autor tinha ampla aceitação entre os leitores, sobretudo graças às traduções portuguesas, que sugerem a penetração do romancista francês também entre os habitantes portugueses.

A tradução portuguesa objeto de análise é do romance *Les intriguants* (1872), publicado postumamente na França pela editora de Ferdinand Sartorius, último editor de Paul de Kock. B. L. Garnier, livreiro-editor francês de destaque ao longo do século XIX no Rio de Janeiro, foi provavelmente o responsável pela primeira edição nacional, se não única, do romance, que, fiel ao significado do título original, denominou *Os intrigantes*.⁶

Diferentemente da edição produzida por Garnier, a tradução portuguesa do romance, que data de 1875, editada pela Tipografia de Salles em Lisboa, optou por uma tradução menos literal no que se refere ao título da obra. Traduzida por Caetano Augusto Coelho, o último romance de Kock ganhou o título de “Os intrujões”. É justamente sobre essa tradução que a presente análise se debruçará. Objetiva-se comparar essa tradução portuguesa com uma edição francesa de 1884 do romance, publicada pela editora Jules Rouff e Cie, localizada em Paris.⁷ Devido a extensão do romance composto por dois volumes, subdivididos em 18 e 19 capítulos, respectivamente, a presente investigação recairá somente sobre alguns trechos de um dos capítulos referentes ao segundo volume do romance, o de número XVI, intitulado “Encore les blagueurs”. Em *Les intriguants* são narradas as falcatruas de dois vigaristas parisienses, Volenville e Berlingot, que, utilizando-se de todos os artifícios possíveis, visam a roubar o dinheiro alheio e a dar golpes no intuito de conseguir o que almejam. Fingindo-se donos e sócios de uma falsa casa bancária, criada por eles mesmos para iludir a clientela, conseguem ficar com toda a herança de um humilde interiorano recém-chegado da Província Brie, Nicodemos Robillot. Ao final da narrativa os vilões obtêm o castigo merecido por tantos crimes cometidos.

Denominada na folha de rosto do livro de “versão livre”, a tradução portuguesa do último romance de Kock realizada por Caetano Coelho já se apresenta diversa da versão original do romance desde seu título. Ao optar denominar a obra de “Os intrujões”, em prol de um termo mais literal como “Os intrigantes”, o tradutor já demonstra autonomia e infidelidade no que se refere ao texto fonte ao utilizar critérios próprios na modificação do título da obra. No que se refere à linguagem empregada pelo texto traduzido, mais precisamente na forma como essa linguagem se configura na narrativa por meio dos discursos dos personagens, observamos certa divergência da forma empregada pelo original. É evidente que cada língua apresenta uma singularidade própria que lhe é indissociável. Assim, é sabido que o francês e o

português apresentam particularidades, sintaxes diferentes, expressões e metáforas próprias, dentre outros aspectos comuns a todas as línguas. No entanto, no romance de versão portuguesa o tradutor optou por certas escolhas linguísticas que imprimiram à narrativa feições próprias às da língua de chegada.

Eis algumas escolhas linguísticas utilizadas por Caetano Coelho no momento de traduzir determinados trechos dispostos no capítulo objeto de análise, como o seguinte: *il est maintenant très en colère* (KOCK, 1884, p. 53), esse que na versão portuguesa Caetano Coelho traduz por “Co’os demônios! Anda ‘escamado’ que nem uma barata” (KOCK, 1875, p. 179). Nesse trecho traduzido e somente o sentido da frase é mantido, porquanto o tradutor abdica de uma tradução literal que, nesse caso, poderia ser “ele está agora muito furioso”, em que poucas alterações na sintaxe e na semântica do francês ocorreriam. Contrariamente, o tradutor, além da quebra total da sintaxe da frase ao inserir uma exclamação no início da oração, altera totalmente a semântica do texto-fonte, utilizando, diferente do texto em francês, uma relação comparativa a fim de melhor expressar o significado de *très en colère*: “Anda escamado que nem uma barata”. A palavra “escamado”, que aparece em itálico no texto, indicando não só o emprego conotativo do termo, bem como uma expressão portuguesa típica, é adotada em detrimento de outras palavras de significados denotativos correspondentes como “encolerizado”, “furioso”, “zangado”. Tal escolha, aliada à comparação a um inseto, imprime certo tom humorístico a esse trecho do romance, algo ausente no original. Além disso, o desvio semântico operado em relação ao texto fonte demonstra não só um não servilismo a ele, como também uma possível intencionalidade do tradutor de deixar marcas locais no texto.

Isto se torna tão mais evidente na análise do trecho no qual conversam Berlingot e Croquet, um de seus comparsas. Berlingot pede a Croquet que não desperdice todo o seu dinheiro com a amante, e ele responde: [...] “elle m’aime bien mieux depuis que je ne lui donne plus rien... Ah! encore les fromages de Brie qui sortent de la galerie d’Orléans!... je me sauve, moi!... j’ai peur de Thérèse... Thérèse...” (KOCK, 1884, p. 3). Na tradução portuguesa tem-se “[...] mesmo depois que eu lhe não dou nada... parece que me tem mais um ‘fatacaz’, o diacho da ‘rapariga’!... Ah! lá saem outra vez da galeria d’Orleans os excommungados provincianos!... Eu ‘tingo-me’!... tenho mais medo da mulher do que de um chaveco mouro!” (KOCK, 1875, p. 182). Mais uma vez observa-se uma reconfiguração do texto fonte, e não uma tradução literal. Além da alteração dos termos sintáticos utilizados no texto de língua francesa, o texto traduzido é acrescido de novos elementos. No texto original, o pronome *elle*,

referente à amante de Croquet, localizada no início do primeiro período da frase, é substituído por “o diacho da rapariga”, deslocada para o final do segundo período do texto traduzido. O novo termo escolhido pelo tradutor no lugar do pronome pessoal confere à narrativa novas feições, não só ao imprimir uma linguagem mais popular e enfática ao discurso do personagem, ao que também contribui a exclamação acrescida no final da frase, como também ao utilizar vocábulos específicos, marcadamente relacionados às origens da língua portuguesa. A palavra “rapariga”, por exemplo, tem sua etimologia relacionada a uma variante do idioma leonês, língua românica pertencente ao grupo das línguas ibéricas⁸.

No segundo período do texto *Les fromages da Brie* é substituído por “os excomungados provincianos”. O termo utilizado no texto original é usado em sentido metafórico para referir ao casal Robillot e Thérèse, negociantes de queijos pertencentes à Província francesa denominada Brie. No texto traduzido o tradutor opta por designar o casal de “excommungados provincianos” como forma de enfatizar as origens interioranas do casal, bem como ridicularizá-los pelas maneiras xucas e ignorantes que apresentam. Já para traduzir a expressão francesa *je me sauve, moi!*, Caetano Coelho opta por “eu tingo-me”, uma expressão portuguesa se não equivalente, pelo menos com o mesmo efeito pretendido pelo original, pois ambas expressam o desejo de se esconder, salvar-se, ocultar-se das vistas do casal. Na tradução da última oração do trecho analisado, mais uma vez observa-se certa autonomia do tradutor ao não simplesmente transcrever literalmente, quando possível, passagens do texto, mas adaptá-las livremente. No texto original, *j’ai peur de Thérèse... Thérèse...* as reticências são um recurso utilizado pelo autor para deixar em suspenso a fala de Croquet após referir o nome da esposa de Robillot. A utilização dessa técnica pode expressar o medo que Trérèse inspira no personagem que, ao vê-la e pronunciar o nome dela não consegue concluir o pensamento, deixando à imaginação do leitor a tarefa de desvendar o que se passa em sua mente naquele momento.

Adotando um caminho diferente, o tradutor português, além de substituir o nome próprio “Thérèse” pelo substantivo feminino comum “mulher”, opta por expressar o medo de Croquet em relação à esposa do negociante de queijos por meio de uma relação comparativa de superioridade, ao exclamar “tenho mais medo da mulher do que de um chaveco mouro!”. A referência ao termo “chaveco mouro” demonstra uma intenção por parte do tradutor de imprimir marcas locais no texto ao remeter a um passado histórico local, a invasão dos mouros em terras portuguesas⁹.

PAES. Sobre a prática tradutória de romances no século XIX: o exemplo de uma versão portuguesa de *Les intrigants*, de Paul de Kock
Belas Infieis, v. 1, n. 1, p. 29-41, 2012.

A ideia de inserção de marcas locais no texto traduzido se torna tão mais evidente quando se nota que o tradutor português buscou reproduzir em sua língua a fala típica do homem do campo. Um exemplo presente nesse capítulo objeto de análise está no seguinte trecho do romance: “Ah! entends-tu, Thérèse? Il dit qu’on rattrapera Berlingot, qu’on le fera restituer!... Ah! c’est un bon enfant, lui!... je savais bien, qu’il viendrait à notre aide!... D’ailleurs, ils l’ont mis dedans aussi; ils lui emportent ses economies” (KOCK, 1884, p. 54). Reconfigurando o texto fonte, Caetano Coelho traduz o mesmo trecho da seguinte forma: “Não ouves, aquella? diz ele que hão de apanhar o tal Sr. Berlingot e fazel-o restituir o nosso dinherinho!... Ah! isto é que é um trigo sem joio!... Eu bem me parecia que elle não nos havia de deixar p’r’hai ao Deus dará!... E *ódepois* também a elle lhe levam as suas *encolomias*, coitado!...” (KOCK, 1875, p. 184).

Além da diversidade semântica pela qual divergem texto fonte e texto traduzido, é notório que nas mãos de Caetano Coelho a fala de Robillot ganha características da linguagem do homem interiorano, com suas expressões próprias e desvios da norma culta padrão bem mais acentuadas. O nome próprio “Thérèse” é substituído pelo pronome demonstrativo “aquella”. Utilizado pelo provinciano em vários outros episódios da narrativa, mesmo sem dados precisos para se afirmar, infere-se que “aquella” e “aquelle” são expressões ou marcas da linguagem interiorana no contexto português da época, que o tradutor traz para o romance a fim de imprimir-lhe feições locais.

Algumas palavras do texto-fonte, na versão portuguesa, ganham equivalentes coloquiais. *je savais bien, qu’il viendrait à notre aide!*, por exemplo, é substituído por “Eu bem me parecia que elle não nos havia de deixar p’r’hai ao Deus dará!”. Além de transformar palavras empregadas corretamente no texto fonte em desvios da norma culta no texto traduzido como “encolomias” no lugar de economias; “ódepois”, em vez “de depois”. Essas escolhas só ratificam a ideia de que Caetano Coelho recria no contexto local a linguagem do homem provinciano.

A partir dessa análise, infere-se que assim como grande parte das traduções realizadas no século XIX, em “Os intrujões” há uma fidelidade à mensagem transmitida pelo texto fonte, que não foi alterada no texto vertido para o português. Contudo, abdicando da tarefa servil que aprisiona muitos tradutores, tornando-os subservientes ao texto estrangeiro, Caetano Coelho soube operar uma reconfiguração do texto original, imprimindo-lhe marcas locais, por vezes intencionais. As características da língua francesa são praticamente apagadas

pelo tradutor português, e as marcas da língua portuguesa são, nitidamente, predominantes. Ressalta-se que nessa tradução, Caetano Coelho teve como únicos senhores o público e a língua própria, pois, suprimindo o que a obra tinha de “problemático” na língua de partida, imprimiu-lhe feições locais, não estabelecendo, no plano linguístico, relações com o texto estrangeiro. Características capazes de fazer da versão portuguesa do romance exposto uma tradução etnocêntrica, bem como grande parte das traduções portuguesas de prosa de ficção oitocentista.

Tal fato nos permite perceber não só que a prática tradutória e os conceitos de tradução circulados durante o oitocentos são bem diversos dos que circulam na atualidade, mas que a prática da tradução não pode ser estudada fora do contexto histórico no qual se insere e com o qual está estreitamente atrelada. Fato explicado porque a língua, os intercâmbios culturais, os diferentes espaços e acontecimentos de um dado período ou época interferem nas maneiras de se conceber a tradução. Por exemplo, no século XIX, a prática tradutória estava relacionada a determinados fatores e acontecimentos históricos e culturais, já no presente século, estes fatores são outros e, portanto, outras são as maneiras pelas quais compreendemos a tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TEXTOS CRÍTICOS E LITERÁRIOS

ABREU, Márcia. **Trajetórias do romance**: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: Quatro traduções para o português. Organização de Lúcia Castello Branco. Belo Horizonte, Fale/UFMG, 2008.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**: Cultura e tradução na Alemanha romântica. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EdUSC, 1984.

CAMPOS, Haroldo de. A palavra vermelha de Hoelderlin. In: **A arte no horizonte do provável e outros ensaios**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.

CANDIDO, Antonio. **A formação da Literatura Brasileira**: Momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1997.

FIGUEIREDO, Fidelino de. **História literária de Portugal (século XII- XX)**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1966.

HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia. **Trajetórias do romance**: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

KOCK, Paulo de. **Os intrujões**. Versão livre de Caetano Augusto Coelho. Volume II. Lisboa: Typografia de Salles, 1875.

RICHARDSON, Samuel. **Pamella ou a virtude recompensada**. Tradução de D. Felix Moreno de Monroy. Lisboa: Offic. De Joaquim Thomas de Aquino, 1799.

VASCONCELOS, Sandra Gardini. **Leituras inglesas no Brasil oitocentista**. *Crop*: revista da área de Língua inglesa e norte-americana do Departamento de Letras Modernas/FFLCH. USP, n. 8, p. 223- 247, 2012.

TEXTOS ELETRÔNICOS

CARRERA, Vivina Almeida. **Tradução em Portugal na segunda metade do século XIX**. Disponível em:
<http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&langpair=en%7Cpt&u=http://www.trans.u.ma.es/pdf/Trans_14/t14_117-123_VAlmeida.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2012.

KOCK, Paul de. **Les intrigants**. Volume II. Paris: Jules Rouff e Cie, 1884, p. 53. Disponível em:
<<http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&langpair=fr%7Cpt&u=http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k55511949>>. Acesso em: 20 de fev. 2012.

PEREIRA, Caio Heleno da Costa. **Sobre os diferentes métodos da tradução**: a tradução no contexto político-pedagógico da *bildung*. 2008. 36 p. Monografia. Setor de Ciências humanas, Letras e Artes, Universidade do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em:
<http://www.letras.ufpr.br/documentos/graduacao/monografias/ps_2008/Caio_Heleno.pdf>.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **A prática da tradução por teóricos tradutores.** Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/11087/11087.PDF>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

SALES, Germana Maria Araújo. **Circulação de romances no século XIX.** S. d. p. 1-12. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem17/COLE_1360.pdf>. Acesso em: 13 Jan. 2012.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. **A formação do romance brasileiro: 1808- 1860 (vertentes inglesas).** Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

<<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/antiga/2005/12/26/000.htm>>. Acesso em: 14 Jan. 2012

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rapariga>. Acesso em: 14 Jan. 2012.

<<http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&langpair=fr%7Cpt&u=http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k55511949>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

<<http://www.bn.br/portal/>>. Acesso em: 28 nov. 2012.

¹ Conferir: <<http://lattes.cnpq.br/1338190854480220/>>.

² Vale assinalar que as interferências e liberdades que parte dos tradutores oitocentistas operava em relação ao texto original são bem diversas das operadas pelo tradutor Haroldo de Campos (1929- 2003). Em sua proposta de Transcrição do texto fonte o poeta e tradutor visa a uma tradução da forma e sua fidelidade é para com o poético do original, o essencial, segundo ele, a ser traduzido. Já as adaptações das quais estamos falando visavam, sobretudo, a tradução do conteúdo, pois buscavam ser fieis aos leitores, e por isso tornavam a tradução de determinadas obras mais palatáveis a esse público. Para saber mais sobre a proposta teórica da tradução de Haroldo de Campos, conferir: RODRIGUES, Cristina Carneiro. **A prática da tradução por teóricos tradutores.** Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/11087/11087.PDF>>.

³ Convém aqui diferenciar essas traduções que não respeitavam o original do projeto crítico sobre tradução criado pelos românticos alemães. Para Friedrich Schleiermacher (1768-1834), importante filósofo e tradutor alemão da primeira metade do século XIX, cujos pressupostos tradutórios estavam ligados a ideais de nacionalidade, cultura e educação, o conceito de fidelidade ao original é decisivo. Conforme assinala Caio Heleno Pereira, “é interessante notar como tanto em Schleiermacher quanto em Schenkendorf o conceito de fidelidade (Treue) é decisivo. Assim como os soldados devem ser fiéis entre si e para com seus comandantes, o tradutor deve ser fiel ao autor, que se torna, afinal, uma espécie de amigo íntimo, alguém que se quer conhecer e por quem se nutre o maior respeito. Provavelmente esse é um dos aspectos que levaram Lawrence Venutti a descrever a teoria de Schleiermacher como uma ‘ética da tradução’”. In: PEREIRA, Caio Heleno da Costa. **“sobre os diferentes métodos da tradução”**: a tradução no contexto político-pedagógico da *bildung*. 2008, p. 17. Monografia. Setor de Ciências humanas, Letras e Artes, Universidade do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufpr.br/documentos/graduacao/monografias/ps_2008/Caio_Heleno.pdf>.

⁴ Conferir: WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII?. In: CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guglielmo. **História da Leitura no Mundo ocidental 2.** São Paulo: Ática, 1999.

⁵ Grifo do autor

⁶ A data de publicação do romance pela editora de Garnier é incerta, pois a referência à existência dessa edição do romance vem do catálogo de obras *on-line* da Biblioteca Nacional disponível em: <<http://www.bn.br/portal/>>. No mencionado catálogo não há referência sobre a data de publicação da obra>.

⁷ O texto fonte que serviu de base para o presente trabalho está disponível em: <<http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&langpair=fr%7Cpt&u=http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k55511949>>.

⁸ Conferir: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rapariga>>.

⁹ Durante alguns séculos metade do território português atual foi submetido à conquista dos mouros. Foi lutando contra eles numa longa guerra de cunho ético e religioso que Portugal conseguiu enfim se instituir como nação independente no século VII. Conferir: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/antiga/2005/12/26/000.htm>>.